

Territórios rurais representados como capixabas na telenovela *A Dona do Pedaço**



Luís Enrique Cazani Júnior**
Gabriela Santos Alves***

Recibido: 2024-04-24 • Enviado a pares: 2024-05-14
Aprobado por pares: 2024-10-11 • Aceptado: 2025-01-12
Doi: <https://doi.org/10.22395/angr.v24n48a13>

Resumo

Este artigo procura analisar as representações do espaço rural na telenovela *A Dona do Pedaço* (2019), situadas no território do Espírito Santo, região Sudeste do Brasil. Durante sua exibição, ocorreram discussões acerca da capacidade de suas imagens de aludir a esse estado e sobre os cenários empregados em sua composição, localizados no Sul do país. Partindo desse pressuposto, por meio de um levantamento e da análise de textos publicados sobre a telenovela no portal capixaba *A Gazeta*, foi identificada a "desterritorialização" da história ainda na fase de produção, motivada por ideais estéticos. A partir da tríade "paraíso", "inferno" e "purgatório" proposta por Fernando Cristóvão (1994), foram identificados sentidos produzidos pela trama. O início da narrativa foi marcado pela disputa entre duas famílias: Matheus e Ramires. Seus integrantes encontravam-se condicionados ao conflito, qualificando o espaço como "infernal". Houve uma alteração do estado para "purgatório" quando os descendentes dos clãs Amadeu e Maria se apaixonaram, mas esta não se manteve, retornando ao grau anterior. Esse tipo de concepção foi considerado datado, devido aos novos arranjos rurais em voga desde a década de 1990, período em que a trama se iniciou. Ao final da pesquisa, por meio de questionários, 48 alunos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) opinaram a respeito dos territórios imaginados como capixabas, comentários avaliados qualitativamente a partir de Stuart Hall (2016) como

* Artigo produzido no projeto de pós-doutorado "Mediações, territorialidades e personagens imaginadas como capixabas em telenovelas" (2023-2025) com fomento da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

** Pós-doutor em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor, mestre e graduado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista, Brasil. E-mail: luis.cazani@ufes.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9514-2586>

*** Professora associada do Departamento de Comunicação Social e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Brasil. E-mail: gabriela.alvesi@ufes.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5243-7499>

"mimético" e "construtivista". Embora a maioria tenha manifestado a perspectiva "mimética", os estudantes confirmaram quantitativamente as imagens rurais de *A Dona do Pedaço* (2019), indicando que essas imagens são capazes de representar o estado em que residem.

Palavras-chave: telenovela, representação visual, setor rural, comunidade, Brasil.

Rural Territories Represented as Capixabas in a soap opera called *Telenovela A Dona do Pedaço*

Abstract

This article aims to analyze the representations of rural spaces in a soap opera called *telenovela A Dona do Pedaço* (2019). It is set in Espírito Santo, a territory in the Southeast of Brazil. During the screening, discussions arose about the capacity of the images to allude to that state and the settings used in its composition, located in the South of the country. Based on this assumption, through a survey and a text analysis published about the (soap opera) *telenovela* on the Capixaba portal *A Gazeta*, the "deterritorialization" of the story was identified, even in the production phase, motivated by aesthetic ideals. Based on the triad "paradise," "hell," and "purgatory" proposed by Fernando Cristóvão (1994), the meanings produced by the plot were identified. A dispute between the Matheus family and the Ramires family marked the beginning of the narrative. Their members were conditioned to conflict, describing the space as "hellish." The state of the family changed to "purgatory" when the descendants of the Amadeu and Maria clans fell in love, but this did not last, and they returned to their previous state. This type of conception was considered outdated due to the new rural arrangements in vogue since the 1990s, when the plot began. At the end of the research, 48 Federal University of Espírito Santo (UFES) students provided questionnaires to discuss the territories imagined as Capixabas. These comments were qualitatively evaluated based on Stuart Hall's (2016) approach, which included "mimetic" and "constructivist" perspectives. Although the majority expressed a "mimetic" perspective, the students quantitatively confirmed the rural images in *A Dona do Pedaço* (2019), indicating that these images could represent the state in which they reside.

Keywords: telenovela, visual representation, rural sector, community, Brazil.

Territorios rurales representados como capixabas en la telenovela A Dona do Pedaço

Resumen

Este artículo busca analizar las representaciones del espacio rural en la telenovela *A Dona do Pedaço* (2019), situadas en el territorio de Espírito Santo, región Sudeste de Brasil. Durante su exhibición, surgieron discusiones acerca de la capacidad de sus imágenes para aludir a ese estado y sobre los escenarios empleados en su composición, localizados en el Sur del país. Partiendo de este supuesto, por medio de un levantamiento y del análisis de textos publicados sobre la telenovela en el portal capixaba *A Gazeta*, se identificó la "desterritorialización" de la historia aún en la fase de producción, motivada por ideales estéticos. A partir de la tríada "paraíso", "infierno" y "purgatorio" propuesta por Fernando Cristóvão (1994), fueron identificados sentidos producidos por la trama. El inicio de la narrativa estuvo marcado por la disputa entre dos familias: los Matheus y los Ramires. Sus integrantes se encontraban condicionados al conflicto, calificando el espacio como "infernol". Hubo una alteración del estado a "purgatorio" cuando los descendientes de los clanes Amadeu y Maria se enamoraron, pero esta no se mantuvo, retornando al grado anterior. Este tipo de concepción fue considerada anticuada, debido a los nuevos arreglos rurales en boga desde la década de 1990, período en que la trama se inició. Al final de la investigación, por medio de cuestionarios, 48 alumnos de la Universidad Federal de Espírito Santo (Ufes) opinaron respecto a los territorios imaginados como capixabas, comentarios evaluados cualitativamente a partir de Stuart Hall (2016) como "mimético" y "constructivista". Aunque la mayoría manifestó la perspectiva "mimética", los estudiantes confirmaron cuantitativamente las imágenes rurales de *A Dona do Pedaço* (2019), indicando que esas imágenes son capaces de representar el estado en el que residen.

Palabras clave: telenovela; representación visual; sector rural; comunidad; Brasil.

Introdução

Embora possua inúmeras paisagens paradisíacas e muitas histórias para serem contadas, em se tratando de telenovelas, raramente se abordou o território do Espírito Santo ou, pelo menos, não foram constituídas muitas memórias significativas. Nílson Xavier (2019b), autor de *Almanaque da Telenovela Brasileira*, indicou apenas *A Dona do Pedaço* (2019) e *Cabocla* (1979-2004) como produtos desse gênero que fizeram alguma menção a esse local. Devido à polêmica em torno de gravações no Sul do país, mas associadas ao Sudeste, selecionou-se *A Dona do Pedaço* (2019) para um estudo sobre representações, escrita por Walcyrr Carrasco e exibida às nove horas da noite. Segundo dados do Observatório Iberoamericano de Ficção Televisiva (OBITEL), ela foi a mais vista do ano de 2019, alcançando 34 pontos de *rating* e 50,9% de *share* (Lopes & Orozco, 2020, p. 97). O objetivo deste trabalho foi identificar os sentidos produzidos pela obra e avaliá-los, tendo em vista os estranhamentos registrados durante sua exibição. Existem, de fato, razões para isso?

Para Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2003), a telenovela brasileira é a “narrativa da nação”, um dos principais produtos midiáticos desenvolvidos no país. De acordo com a autora, constitui um objeto relevante para um exame a respeito de cultura. Um estudo sobre *A Dona do Pedaço* (2019) ofereceu a oportunidade de analisar uma localidade pouco explorada. Dessa forma, investigou-se um produto simbólico com referências a um cenário raramente representado e, consequentemente, pouco presente no gênero.

A telenovela apresentou vários cenários imaginados como pertencentes ao estado. Portanto, torna-se importante compreendê-los, avaliar essas representações que passaram a circular e integrar o repertório cultural. O artigo concentrou-se apenas no espaço rural da primeira fase da obra. Por meio dessa produção, compartilharam-se significados e interpretações a respeito do solo capixaba que precisam ser examinados. Segundo Serge Moscovici (1973), as representações sociais manifestam informações obtidas a partir de um outro, que teve contato direto com o objeto e as criou. Contudo, ocorre um afastamento e uma ressignificação gradual nesse processo contínuo de uso.

Partindo da etimologia da palavra “representar” extraída do Wiktionary, formada por “re” e “praesens”, indica-se como significado original a ideia de exposição de algo, de forma intensificada ou repetida pela prefixação. Sob essa perspectiva, “representar” não é uma ação original, mas derivada, ou seja, parte-se de um conceito existente. Quando se diz que alguém ou algo é seu representante, de maneira geral, esse assume a posição e a responsabilidade pela transmissão de sentidos. Trata-se de uma ação delegada a outrem por razões específicas. Na semiologia e na semiótica, o signo é concebido como elemento intermediário, seja ele diádico (significante e significado) ou triádico (signo, objeto e interpretante), respectivamente.

Nos estudos culturais britânicos, Stuart Hall (2016, p. 31) reconheceu sua importância: “é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem”. Para ele, dois sistemas entram em operação na comunicação:

Primeiro, os conceitos que são formados na mente funcionam como um sistema de representação que classifica e organiza o mundo em categorias inteligíveis. Se nós temos um conceito para alguma coisa, nós podemos dizer que sabemos seu “sentido”. Não podemos, contudo, comunicar esse sentido sem um segundo sistema de representação – a linguagem, que consiste em signos organizados em várias relações. Os signos, por sua vez, só podem transpor sentidos se possuímos códigos que nos permitam traduzir nossos conceitos em linguagem – e vice-versa. Esses códigos, que são cruciais para o sentido e a representação não existem na natureza, mas são o resultado de convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa cultura – nossos “mapas de sentido” compartilhados, que aprendemos e, inconscientemente, internalizados quando dela nos tornamos membros. (Hall, 2016, p. 54).

Portanto, existem expectativas no processo de leitura de uma expressão que se apresenta para decodificação. O conhecimento prévio serve de suporte para o reconhecimento ou contestação. Nesse contexto, buscou-se entender o estranhamento em torno de *A Dona do Pedaço* (2019) decorrente da utilização de signos externos ao território na obra.

No primeiro momento, foram levantadas publicações jornalísticas do período de produção da telenovela, buscando indícios sobre sua produção. Em “De Rio da Cobra para Rio Vermelho: apagamento do ES a partir de *A Gazeta*” compreendeu-se a problemática sob a ótica regional. Em “O ‘cangaço capixaba’ reportado por outros sites”, os textos são de veículos com abrangência nacional. Os resultados do levantamento indicaram as prováveis razões para uma “desterritorialização”.

Em “Análise das representações rurais de *A Dona do Pedaço*”, os significados foram debatidos à luz de Fernando Cristóvão (1994). Logo, o sertão capixaba apresentado seria infernal, paradisíaco ou um purgatório? Além do mais, constatou-se a existência de um enviesamento das construções rurais pelo contexto histórico, discussão que se encontra em “A abordagem do espaço rural”.

Por fim, em “Análise das representações por alunos em território capixaba. O que pensam os estudantes sobre elas?” 48 alunos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) foram questionados com base em um fragmento da telenovela. O artigo avaliou suas opiniões a partir de Stuart Hall (2016), apresentando uma conclusão.

Metodologia

O trabalho de investigação a respeito das representações rurais em *A Dona do Pedaço* (2019) desenvolveu-se em três fases: levantamento e exame de publicações jornalísticas sobre a obra; análise dos significados manifestados pelas representações rurais; e avaliação dessas alusões ao território do Espírito Santo por estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Na primeira etapa, que compreendeu o levantamento e exame de textos sobre a telenovela, foi selecionado o portal de notícias *A Gazeta*, vinculado à Rede Gazeta, afiliada da Rede Globo no Espírito Santo. O caráter regional da telenovela ensejou esse primeiro olhar acerca de sua cobertura midiática. Dessa forma, foi possível identificar a expectativa local para o aparecimento da região. Foram levantadas dez reportagens. Posteriormente, foram consultadas notícias sobre *A Dona do Pedaço* (2019) em sites com abrangência nacional para avaliar as referências ao estado. Pela sua ampla extensão, o volume não foi quantificado. O recorte temporal foi de 2018 a 2020, da pré-produção até a exibição final.

Na segunda etapa, destinada a compreender os sentidos das representações rurais na primeira fase, isto é, nos sete capítulos iniciais, a tríade de Fernando Cristóvão (1994) foi fundamental para a análise da significação: o sertão capixaba imaginado seria "inferno, purgatório ou paraíso"? A pesquisa foi complementada com autores que discutem a problemática rural em diferentes abordagens.

Por fim, por meio de formulário eletrônico, 48 alunos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com idade majoritariamente entre 19 e 25 anos, avaliaram as imagens. O objetivo foi verificar se os estudantes ratificavam as representações. A partir de Hall (2016), foi discutido o viés presente nas opiniões: "mimético" ou "construtivista", isto é, fidelidade ou licença poética. Assim, delimitou-se a questão, passando de uma reflexão teórica para a análise da recepção.

Resultados e discussões

1 Exame da publicização de *A Dona do Pedaço*

1.1 De Rio da Cobra para Rio Vermelho: apagamento do ES a partir de *A Gazeta*

À época ainda nomeada *Dias Felizes*, o escritor Walcyr Carrasco, a diretora Amora Mautner e a atriz Juliana Paes estiveram no Espírito Santo nos dias 1º e 2 de novembro de 2018, conforme noticiado em 3 de novembro do mesmo ano (*A Gazeta*, 2018a). A reportagem publicada pela redação destacou a participação de Maria Gorete Frontino na visita, apresentada como inspiração para a trama, além dos pontos turísticos co-

nhecidos pelas estrelas: Três Pontões, a Igreja de São Sebastião, em Afonso Cláudio, e a Pedra Azul, em Domingos Martins.

Em 4 de novembro de 2018, uma nova publicação da redação ressaltou a importância dessa visita: "Nós, capixabas, nos perguntamos muitas vezes: por que o Espírito Santo é tão pouco divulgado em cenário nacional? Eis que surge uma boa oportunidade de isso mudar" (A Gazeta, 2018b). O entusiasmo era recíproco. Em seu Instagram, Walcyr Carrasco registrou sua estada em solo espírito-santense, postando fotos com os dizeres: "Que tal uma novela que começa com as lindas paisagens do Espírito Santo?" (A Gazeta, 2018c). Porém, a expectativa em torno de uma representação majestosa do território não se concretizou. Ademais, notou-se uma alteração discursiva em torno da trama até sua estreia, conforme evidenciado nas divulgações subsequentes.

Próximo da sua primeira exibição, no dia 2 de maio de 2019, a redação de *A Gazeta* divulgou uma matéria intitulada "Juliana Paes será de cidade fictícia do ES em nova novela da Globo" alertando os capixabas a respeito da ausência de gravações para trama no estado (A Gazeta, 2019a). Dias depois, em 15 de maio de 2019, o portal publicizou uma entrevista com o ator Emmilio Moreira, que ressaltou o mesmo ponto:

(...) por uma decisão técnica da direção da novela, filmamos nos pampas gaúchos. Precisamos de um céu e de uma relação com o horizonte, que fomos achar no sul do País, quase na divisa com o Uruguai. Infelizmente, não filmamos no Espírito Santo.

(...)

Não focamos em fazer sotaque ou qualquer maneirismo regional. Nossa opção foi trazer no corpo toda a exaustão que essas pessoas vivem numa região árida, seca e sem perspectiva de paz. A maquiagem nos ajudou muito, bronzeando a nossa pele, para trazer esse tom moreno de quem tem 'um Sol pra cada um. (A Gazeta, 2019b).

Em nome de um ideal estético, a direção mudou o palco da história, mas manteve seu nome. Dessa forma, o estado foi imaginado como uma região seca sem traços linguísticos. Ainda, de acordo com essa divulgação, a narrativa foi situada em um "Espírito Santo shakespeariano" (A Gazeta, 2019b). O interessante é notar que não há nenhuma menção à Maria Gorete Florino. Generalizou-se o conflito a partir dessa comparação com a famosa tragédia e insistiu-se em situá-lo no estado.

É importante destacar que Rio da Cobra é um distrito de Afonso Cláudio, onde Maria Gorete teria vivido seu drama familiar. De Rio da Cobra até Rio Vermelho, a história passou por um processo de apagamento das referências, seja de personagens, seja de cenários, visto aqui à luz do conceito de "desterritorialização". Seguindo a

perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), existe uma dinâmica nos processos espaciais que torna concomitantes a “desterritorialização” e a “reterritorialização”. Para eles, a desterritorialização “é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território [...] que pode ser recoberto por uma reterritorialização que a compensa” (Deleuze & Guattari, 2011, pp. 197-198). Porém, a reterritorialização não tem como objetivo resgatar as características suprimidas, mas servir de ambiente para outro que não tem vínculo. Dessa forma, na problemática exposta, a desterritorialização da história pode ter sido concebida para se distanciar de sua inspiração, um “abandono” estratégico evidenciado na comparação realizada em *A Gazeta*, evitando problemas em torno da autoria da narrativa — comuns na antecessora *O Sétimo Guardião* (2018) — ou, ainda, para que a generalidade abarcasse mais territórios, sem excluir pela especificação.

Rogério Haesbaert (2007) propôs “multiterritorialidade” como um conceito alternativo ao de “desterritorialização”, com o objetivo de enfatizar as dinâmicas que geram referências a múltiplos espaços em um ambiente global, além de denotar os fluxos e as operações de integração, interação e sobreposição de locais. De acordo com o autor, “inclui a vivência concomitante de diversos territórios – configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento” (Haesbaert, 2007, p. 20). No caso em análise, contudo, a ausência de referentes espaciais na composição não deve ser atrelada ao trânsito de identidades discutido por esse autor. Na telenovela observa-se uma simplificação, em vez da proliferação de indicadores que denotaria um caráter diverso. Por fim, o geógrafo indica a necessidade de atentar para quem age nesse processo, já que essas relações de apropriação e de dominação são exercidas por sujeitos dotados de poder. No caso em questão, trata-se de uma emissora comercial de TV de caráter hegemônico.

1.2 O “cangaço capixaba” reportado por outros sites

Em 20 de maio de 2019, Nílson Xavier publicou em seu blog no portal UOL uma análise sobre a estreia de *A Dona do Pedaço* (2019). Um dos pontos criticados foi a violência. O jornalista fez duas associações: “um amor Romeu e Julieta nos confins do interior do Brasil” e “faroeste americano, mais propriamente à folclórica disputa entre McCoys e Hatfields” (Xavier, 2019a). Assim como o jornalista, outros veículos também associaram a primeira fase da trama ao gênero western, devido às inúmeras cenas de tiroteio e à naturalização do uso de armas no cotidiano dos justiceiros. Na mesma data, o portal *Extra* anunciou: “A Dona do Pedaço estreia em clima de bang-bang: família de pistoleiros e amor proibido” (Carvalho, 2019). Já o F5, editoria de entretenimento do portal da *Folha de São Paulo*, reportou: “A Dona do Pedaço estreia na Globo em clima de faroeste trágico” (Goés, 2019). Por fim, Márcia Pereira (2019) antecipou fatos da trama para o *Notícias da TV*: “Dê adeus ao faroeste em A Dona do Pedaço: Veja 5 destaques da próxima fase da novela”, no dia 24 de maio.

Em 23 de maio, Nílson Xavier publicou novamente sobre a telenovela, provocado por um leitor capixaba: "A Dona do Pedaço se passa no Espírito Santo, mas tem quase nada do estado" (Xavier, 2019b). O jornalista rememorou que o Espírito Santo é o cenário inicial da trama e citou gravações realizadas no Sul do país: "Os capixabas devem estar se perguntando o porquê dessa escolha, em vez de mostrar as belezas do próprio estado onde acontece a história" (Xavier, 2019b). Sobre a generalidade da imagem afirmou: "Não conheço o Espírito Santo, não estou familiarizado com suas paisagens. Pelo pouco que se pôde observar na novela, as imagens remetem a qualquer lugar, do Brasil ou fora" (Xavier, 2019b). Ademais, ele reproduziu o depoimento de um leitor: "Não entendi, sinceramente, por que a necessidade de ambientar e fazer citações a um estado, sendo que as gravações ocorreram em outras regiões do país" (Xavier, 2019b). Ao avaliar esses posicionamentos, notou-se uma perspectiva "mimética" de representação (Hall, 2016), além de estranhamentos gerados pela "desterritorialização".

Conflitos entre famílias são comumente associados à famosa tragédia inglesa de Shakespeare. Todavia, há uma razão específica para sua associação com *A Dona do Pedaço* (2019). Em matéria publicada no *Estadão*, em 20 de maio de 2019, Walcyr Carrasco apontou esse enredo como inspiração: "Remete a Shakespeare, sim. Não esqueça que ganhei um Jabuti pela tradução e adaptação de *Romeu e Julieta*. Então, pensei nesse amor shakespearino, que me move muito, sempre!" (Del Ré, 2019).

Na reta final da telenovela, Walcyr Carrasco participou de um café da manhã com Ana Maria Braga. No programa *Mais Você* de 15 de novembro de 2019, ele voltou a falar das inspirações da trama. Questionado por Ana Maria sobre como surgiu essa história, Carrasco diz: "Era uma ideia. Aí eu falei, quero ir ao Espírito Santo conhecer as famílias dos matadores. Eu consegui" (Mais Você, 2019). Quando indagado mais a fundo acerca do assunto, hesitou no primeiro momento, porém confessou:

-Você já conhecia uma história mais ou menos parecida com essa? - diz Ana Maria.

-Eu conhecia....eu sabia dos matadores de aluguel, dos justiceiros que chamam, que aceitam encomenda. Eu conheci as famílias dessas pessoas.

-Que existiam ou que existem?

-Pois é, eu conheci as famílias. As famílias dizem assim que é uma coisa que não existe. A gente sabe que existe, ainda existe. Não só lá, né? Mas em vários lugares do Brasil existem os justiceiros que aceitam esse tipo de trabalho. Mas lá existiam duas famílias que guerreavam e esse foi o início da ideia. (Mais Você, 2019).

O diálogo acima atestou a origem capixaba da história. Em depoimento dado ao site *Gshow*, a diretora Amora Mautner explicou que a estética da fase inicial foi pensada para ser entendida como uma recordação da protagonista:

A gente teve que fazer uma imagem mais 'inventadinha'. Não podia ser realista. Queríamos que fosse mais a ver com a memória de Maria da Paz, então a gente compôs uma cidade fictícia. Fizemos parte em Espírito Santo e parte em Rio Grande do Sul, mas no fundo é Rio Vermelho. (Gshow, 2019).

Quem lê acredita que várias cenas foram gravadas em solo espírito-santense, mas essa "parte" à qual ela se refere corresponde apenas a alguns grandes planos gerais, imagens aéreas usadas para situar o espectador. O restante foi gravado em Jaguarão, Nova Esperança do Sul e São Gabriel, no Rio Grande do Sul, destacando as Ruínas da Enfermaria e a Igreja São Caetano. Logo, a casa de Paz, a paróquia e os campos são sulistas. O depoimento da diretora apresenta um viés "construtivista" da representação (Hall, 2016), isto é, subordina a realidade à expressão.

Recorreu-se à perspectiva materialista de Claude Raffestin (1993) para avaliar esse processo de "reterritorialização" dos locais sulistas como capixabas. De acordo com o autor, existem manifestações de controle nesse tipo de ação: "uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder" (Raffestin, 1993, p. 17). Para o estudioso francês, há dois conceitos fundamentais para analisar a problemática: espaço e território. Segundo ele, a delimitação de território é consequência de uma ação no espaço: "Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator 'territorializa' o espaço" (Raffestin, 1993, p. 143). Dessa forma, a direção da trama "territorializou" os "espaços" para constituir a representação desejada a partir de sua influência. Ainda, segundo o autor: "o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder" (Raffestin, 1993, p. 144).

Tanto o depoimento do ator Emílio Moreira para *A Gazeta* quanto a fala do diretor de arte Valdy Lopes destacaram um tipo de aridez como efeito estético buscado, incomum no Espírito Santo: "recorremos aos fenos, porque o verde para a gente não era o ideal" (Reis, 2019). Portanto, não houve apenas a ação de situar os espaços sulistas como se fossem do Sudeste, mas também interferências na sua significação.

2 Análise das representações rurais de *A Dona do Pedaço*

2.1 O sertão de Rio Vermelho

O escritor Ariano Suassuna (1972, p. 3) mencionou na obra *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue Vai-e-Volta* que "a face do sertão é tripla: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso", visão que Fernando Cristóvão (1994) aprofundou em seu trabalho sobre os

universos sertanejos literários, qualificações que podem ser interpretadas no conceito foucaultiano de "formações discursivas".

No primeiro momento, Cristóvão (1994, p. 43) indicou que três polarizações são normalmente encontradas na apreciação desse tipo de espacialidade: "terra brasileira versus terra lusitana, o do mundo rural versus mundo urbano, o do tempo passado versus tempo presente". Já no segundo momento, Cristóvão (1994) expôs cada um dos vieses do sertão. Na primeira visão, denominada romântica, as relações afetivas refletem uma ambientação harmônica e natural: "o sertão é, assim, um novo Éden" (Cristóvão, 1994, p. 46). A religiosidade e a honradez das personagens prevalecem. Nas palavras do autor: "O motivo de justiça conserva, no sertão, a ideia clássica e virgiliana de que é entre os rústicos do campo que a retidão de caráter e a piedade melhor se conservam" (Cristóvão, 1994, p. 48).

Dando prosseguimento às descrições do sertão, reduz-se a idealização em sua visão realista. Problemas remediáveis da paisagem afligem as personagens que ali habitam e/ou transitam: "o homem podia contrariar os efeitos maléficos das secas e da miséria, mas que não o faz por apatia" (Cristóvão, 1994, p. 49). Logo, há desequilíbrios ambientais, sociais e relacionais: "Excluídos pela justiça, lançados para a margem do convívio social, perseguidos pelos volantes, sem esperança de perdão ou salvação, sabem que não têm futuro" (Cristóvão, 1994, p. 50). Por fim, no entendimento do sertão como um purgatório, sobressai o caráter de expurgo e purificação, "lugar de penitência e reflexão" (Cristóvão, 1994, p. 51).

Com base nessas considerações, avaliou-se que, em *A Dona do Pedaço* (2019), duas famílias duelaram por anos nos arredores de Rio Vermelho, sertão com características "infernais" que, em certo momento, transformou-se em "purgatório" (Cristóvão, 1994). No prólogo dessa trama, aos seis minutos e cinco segundos do primeiro capítulo, montados em seus cavalos, Ademir e Adão Ramires encurralaram seu rival, Mariel Matheus:

— É vingança? — questiona Mariel.

— Até que podia ser, que a minha família mais a sua não se dá. Este pedaço de mundo é muito pequeno pra nossa família, os Ramires mais os seus, os Matheus. Mas não, é encomenda. Você andou tomando terra de quem não devia, queria mais riqueza, comprou a morte. Ajoelha e faz o sinal da cruz. Que é o tempo que lhe dou para encomendar sua alma a Deus. — responde Ademir.

— Por generosidade você pode pedir perdão pros seus pecados. A gente nunca faz a maldade de mandar alguém direto pro caldeirão do Belzebu mesmo que mereça. — finaliza Adão. (*A Dona do Pedaço*, 2019, 1º capítulo).

Os diálogos demonstraram o senso de justiça da região. Não há mediação sob a tutela da lei. Diante do fim eminente, a fé apareceu como concessão, forma de ali-

viar as ações terrenas. Aos oito minutos e quarenta e seis segundos, na fazenda dos Matheus, iniciou-se a tomada de conhecimento desse assassinato:

— Tio. Tio. Você não vai acreditar no que aconteceu! Mataram o primo Mariel!

— Malditos Ramires. — esbravejou Miroel.

— São carniceiros. Mataram mais um do ramo dos Matheus. — completou a esposa.

— Mas esse foi serviço encomendado. Eu já sei por quem.

— Vai pro seu canto, Vicente. — disse Miroel para a criança. — Isso é conversa de gente grande. Fala, meu sobrinho, fala.

— Olavo Barra Grande. Foi ele. Se dizia nosso amigo, mas encomendou a alma do primo Mariel. Eu segui os dois e vi quando eles receberam o combinado.

— Alguém tem que acabar com essa raça de família. — sugeriu a esposa.

— Tio vai lá matar o desgraçado que encomendou?

— A gente não pode dar fim em mandante, senão fica sem freguesia. É dos Ramires que a gente vai se vingar. Pode demorar, mas quem disse que eu tenho pressa. (A Dona do Pedaco, 2019, 1º capítulo).

Novamente, não se recorre à esfera judicial, sendo os conflitos resolvidos à bala. De acordo com Michel Foucault (2002, p. 53) “não há juiz, sentença, verdade, inquérito nem testemunho para saber quem disse a verdade, mas quem tem razão, à luta, ao desafio, ao risco que cada um vai correr”. Ao vencedor do duelo, a razão em uma controvérsia, protocolo disciplinar típico da Idade Medieval e Média.

A crueldade do trabalho dos matadores contrasta com sua docilidade no seio familiar. Após a execução, satisfizeram a fome com o bolo feito pela filha de um deles, Paz. Aos três minutos e treze segundos, Dona Dulce ensinou a neta a fazê-lo: “Vai ser meu bolo, o bolo que eu gosto de fazer, o bolo que eu aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a minha vó” (A Dona do Pedaco, 2019, 1º capítulo).

Do mesmo modo que a receita, o crime é transmitido de geração em geração. Essa naturalização tem início com o ensino do manuseio de armas às crianças. Nem o frio da noite que se aproximava impediu o preparo dos descendentes do clã. Como disse Dona Dulce aos doze minutos e cinquenta e seis segundos: “Minhas netas têm que ter fibra. Sabe lá que vida vai enfrentar. O mundo é muito duro. Tem que aprender a enfrentar tanta coisa. Muita coisa” (A Dona do Pedaco, 2019, 1º capítulo). Prestes a atirar, Evelina, mãe de Paz e Zenaide, deu um testemunho aos treze minutos e cinquenta e seis segundos: “Quando eu casei, eu não sabia atirar, mas hoje eu sou capaz de acertar

um passarinho em um galho de árvore lá longe” (A *Dona do Pedaço*, 2019, 1º capítulo). Evelina, Élcio, Zenaide e Paz atiraram, mas a última errou o alvo. Sua mãe tentou consolá-la aos quatorze minutos e trinta e sete segundos: “Você é muito pequena para ter firmeza na mão, mas um dia você vai apagar muita vela ainda” (A *Dona do Pedaço*, 1º capítulo), enquanto seu pai demonstrou decepção com o desempenho da filha.

A fé, virtude do sertão “paraíso,” apareceu atrelada à violência. Nessa espacialidade, o senso de justiça é daquele que vence a batalha, cabendo as ações cruéis serem questionadas apenas no pós-morte. A religiosidade dos matadores propiciaria a eles um julgamento divino. Do sexto mandamento “Não matarás”, existe a relativização dos assassinatos. Aos trinta e seis minutos e vinte e oito segundos do primeiro capítulo, na primeira fase da telenovela, Dulce distinguiu os clãs rivais pela atuação:

— Essa raça maldita, Maria, não é como a gente, não. Maria, Maria da Paz. Esse nome devia trazer calma, devia trazer um pouco de tranquilidade, a paz. E traz o quê? Traz tormento, Maria, a gente aceita empreitadas, sim. Encomenda almas, sim, Maria, só quando é necessário. A gente tem o gado da gente. A gente não faz isso por prazer, não. Os Matheus, não, filha. Essa raça maldita, não. Tem o gado deles, mas mata pelo prazer de matar, pelo sangue.

— Ele não é justiceiro, vô. Ele não é como eles. Foi o destino que colocou ele na minha frente. E digo mais, foi Deus. — rebate Paz. (A *Dona do Pedaço*, 2019, 1º capítulo).

Ao confrontar Amadeu na frente da igreja, Hércio esbravejou aos quarenta e cinco minutos do primeiro capítulo sob a mesma perspectiva:

— Meu amigo, eu já abati muita gente por encomenda. Nunca foi por querer. Olha aqui, só mato por necessidade, porque a gente tem que viver. Mas seu caso é diferente. Deus sabe que eu não queria sujar minhas mãos de sangue sem ser por encomenda, porque a gente mata por encomenda, Deus sabe que eu, meus parentes, mata de coração puro. (A *Dona do Pedaço*, 2019, 1º capítulo).

Ainda, sobre religiosidade, há imagens sacras nas residências, alguns versos bíblicos foram recitados por Paz em sua fuga, o padre atuou como mediador e a paróquia foi considerada um espaço neutro de negociação.

O distanciamento da cidade apareceu como uma das razões para a inação do poder público. Além disso, a corrupção policial foi revelada como elemento de manutenção da “desordem”, como se observa no seguinte diálogo, aos quarenta e dois minutos e cinquenta e oito segundos: “O delegado é nosso. Avisa para não aparecer a polícia” (A *Dona do Pedaço*, 2019, 1º capítulo). Até a profissão de Amadeu, único da família a possuir um diploma universitário, tornou-se um recurso utilizado na disputa, conforme ilustra o trecho registrado aos vinte e seis minutos e quarenta segundos:

— Eu estudei sim, pai, pra ser advogado, não foi pra ser justiceiro, não.
— diz Amadeu.

— Estudou pra tirar nós da cadeia. Eu tive que matar muito macho nesta terra pra pagar tua faculdade, rapaz. — rebateu seu irmão. (A Dona do Pedaco, 2019, 1º capítulo).

Não houve mudança de perspectiva nesse cenário marcado por condicionamentos até Maria da Paz e Amadeu se apaixonarem. No momento em que decidiram enfrentar seus familiares em nome do amor, a valorização desse sertão modificou-se de “inferno” para “purgatório”. Firmou-se um acordo entre os clãs, que perdurou até Dulce atirar em Amadeu no próprio altar, ao final do primeiro capítulo, durante o casamento de sua neta. O noivo ficou em estado grave, sendo levado para um hospital em Vitória. Maria da Paz foi jurada de morte pelos Matheus, mas conseguiu fugir para São Paulo. Ambos se libertaram desse sertão, reencontrando equilíbrio em suas vidas.

Após suas partidas, a face do sertão “inferno” retornou de forma ainda mais acentuada. Os Matheus mataram a irmã de Paz, Zenaide, em uma praia da capital, além de afastarem suas filhas da família. Em contrapartida, Dulce assassinou o patriarca dos Matheus e seus filhos, incendiando a casa do clã. O fogo simboliza a intensificação máxima da condição infernal. Porém, ela não ficou impune, morrendo em decorrência de um tiro durante o confronto. As matriarcas Evelina e Nilda selaram na igreja um novo acordo de paz. Elas deveriam mentir para os filhos sobre a condição de seus amados: Maria teria sido morta, enquanto Amadeu não sobreviveu ao tiro disparado por Dulce.

Por mais que a história de *A Dona do Pedaco* (2019) seja baseada em fatos, as representações depreciativas do espaço rural têm explicação história, como discutido a seguir.

2.2 A abordagem do espaço rural

Ruralidade é uma categoria multidimensional, diversa e mutante. Conforme destacou Roberto José Moreira (2019, p. 23) em *Identidades rurais, natureza, multiplicidades e subalternias*, existem “ruralidades nordestinas, amazônicas, litorâneas, sulinas, serranas”. Segundo o autor, “as diferentes noções de rural e ruralidades nos remetem à proximidade com a natureza: o solo, a terra e o ecossistema” (Moreira, 2019, p. 26). Assim, o primitivo sobressai como uma dimensão significativa. Por fim, Moreira (2019, p. 21) indagou sobre as alusões construídas em torno do rural: os “processos e representações estão sujeitos a poderes assimétricos em situações de hegemonia, contra-hegemonia e subalternia que se expressam em disputas discursivas”. Nesse contexto, suas desqualificações decorrem também de disputas no seio social.

Grosso modo, a colonização do solo brasileiro partiu do litoral. Foi na costa que atracaram as naus portuguesas. Progressivamente, avançou-se para o interior, em busca não apenas de explorá-lo, mas também de dominar e ocupar seu espaço. Desse movimento conflitivo de submissão de povos nativos, originou-se a dicotomia civilizado versus incivilizado. Esses sentidos persistem até hoje: quando há distanciamento que acarreta ausência do poder público, considera-se o local como selvagem.

De acordo com Maria José Carneiro e Laila Sandroni (2019), em *Tipologias e significados do "rural": uma leitura crítica*, não houve apenas a vinculação desse território às práticas agropastoris, mas também sua subjugação aos valores urbanos: "rural pela ótica da escassez, da falta e do atraso" (Carneiro & Sandroni, 2019, p. 46). Logo, atribuiu-se a ele significados de problemático, retrógrado, arcaico, subdesenvolvido, violento, fatal, decadente, tradicional, escasso e resistente; algo já superado ou ainda a ser superado. Ainda segundo as autoras, no período colonial, não havia disparidades; isto é, as vilas e cidades eram extensões do campo, possuindo uma função administrativa e mercantil.

(..) no Brasil, as cidades são originariamente ocupadas pela mesma elite rural que tinha suas residências, concomitantemente, no campo (para exercer o controle sobre o processo produtivo) e na cidade (para estabelecer negócios e exercer o poder político). O próprio processo de constituição da cidade e do campo são concomitantes e marcados pela necessidade de controle territorial do projeto colonial. Desta maneira, reproduzem na cidade o mesmo estilo de dominação implantada na "casa grande", trazendo para a cidade as bases e os modos de vida de uma civilização que permanece agrária. (Carneiro & Sandroni, 2019, p. 45).

Em "*A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas*", Maria de Nazareth Baudel Wanderley e Arilson Favareto (2013) também questionaram a definição de "rural" a partir da sua oposição com "urbano", indicando que essa relação de negação é equivocada, já que existem elos complementares. Os autores defenderam a necessidade de se pensar o campo como um espaço de vivências: mora-se, trabalha-se e socializa-se. Da mesma forma que Carneiro e Sandroni (2019), retomaram o processo histórico de urbanização brasileiro:

Para que um povoado fosse reconhecido como "vila", a primeira exigência era a constituição de uma câmara, para a qual eram eleitos os "homens bons" da localidade, encarregados de assegurar sua administração e a aplicação da justiça, além de cobrar impostos e taxas de toda a população. A outorga da condição de vila significava o reconhecimento de uma aglomeração como um núcleo urbano, lugar do poder, onde residiam – ou se instalavam de passagem – os representantes da coroa portuguesa e da igreja católica. Em torno de uma praça: uma capela, os locais do exercício do poder e as residências

permanentes ou transitórias de algumas autoridades que formavam o reduzido tecido "urbano". (Wanderley & Favareto, 2013, pp. 418-419).

Do excerto depreendeu-se que prédios administrativos e religiosos emergem como primeiros símbolos urbanos. Se tem alguma polarização no período, é social, entre elite agrária e povo. Os comandantes são os mesmos nas duas localidades, além da economia.

Se a elite latifundiária se sentia, frequentemente, acima da lei, na medida em que a lei se confundia com o próprio poder local, os não proprietários eram ignorados como sujeitos de direitos e as políticas para o meio rural pouco levavam em conta a melhoria de suas condições materiais de vida, nem sequer eram reconhecidos como trabalhadores. (Wanderley & Favareto, 2013, p. 425).

Da coexistência harmônica ao acirramento e à tentativa de superação, segundo Wanderley e Favareto (2013), a submissão do campo à cidade originou-se de interpretações do Decreto-Lei nº 311, de 1938, acerca da organização territorial do Brasil. Com ele, ocorreu o rompimento da equivalência entre os âmbitos e o acirramento que alcançou as representações. Além desse Decreto-Lei, os autores atribuíram ao Código Tributário Nacional a responsabilidade por gerar desentendimentos. Conforme os artigos nº 29 e 32, os impostos das áreas rurais são destinados à União, enquanto os das urbanas ficam a cargo do município. Se no Decreto-Lei é indicada a quantidade de casas necessárias para alteração do *status quo* de uma localidade — 200 habitações —, no Código Tributário Nacional são definidas as qualificações urbanas, elementos de infraestrutura ausentes nas áreas rurais, denominados "melhoramentos", os quais foram intensificados nas representações.

Esse tipo de representação vem sendo duramente criticada, principalmente, a partir da década de 1980, qual se começa a constatar novos arranjos sociais no campo. Entre os autores que se dedicaram à revisão dos modelos atribuídos a essa espacialidade está José Graziano da Silva (2002). Em "*O novo rural brasileiro*", o autor demonstrou como esse tipo de território se modificou, estando agora repleto de práticas não-agrícolas e permeado pela urbanização. Na sua visão, campo e cidade não possuem mais fronteiras demarcadas e distingui-los não é mais tão importante. O autor recuperou o processo de desqualificação desse tipo de território:

A utilização que os autores clássicos (como, por exemplo, Marx e Weber) davam ao corte urbano/rural relacionavam-se ao conflito entre duas realidades sociais diferentes (uma em declínio, outra em ascensão) em função do progresso das forças capitalistas que minavam a velha ordem feudal. A dicotomia urbano/rural (...) É a partir daí que o "urbano" passou a ser identificado como o "novo", como o "progresso" capitalistas das fábricas; e os rurais – ou a "classe dos proprietários rurais", como o "velho" (ou seja, a velha ordem social vigente) e

como o "atraso" no sentido que procuravam impedir o progresso das forças sociais. (Graziano da Silva, 2002, p. 3).

É importante denotar quais são as novas características:

O "novo rural", como o temos denominado, compõem-se basicamente de quatro grandes subconjuntos, a saber

a) uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e intimamente ligada às agroindústrias, que vem sendo chamada de o *agribusiness* brasileiro;

b) um conjunto de atividades de subsistência que gira em torno da agricultura rudimentar e da criação de pequenos animais, que visa primordialmente manter relativa superpopulação no meio rural e um exército de trabalhadores rurais sem terra, sem emprego fixo, sem qualificação, os "sem-sem" como já os chamamos em outras oportunidades, que foram excluídos pelo mesmo processo de modernização que gerou o nosso *agribusiness*;

c) um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades indústrias e de prestação de serviços; e

d) um conjunto de "novas" atividades agropecuárias, localizadas em nichos específicos de mercados. (Graziano da Silva, 2002, p. 9).

De certa forma, toda essa complexidade do campo não tem sido retratada pelas representações midiáticas, tampouco apareceu na telenovela *A Dona do Pedaço* (2019).

3. Análise das representações por alunos em território capixaba. O que pensam os estudantes sobre elas?

Em 2022, na disciplina de Introdução à Filosofia, 48 estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) foram questionados sobre as representações na telenovela estudada. São alunos dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, residentes no Espírito Santo, com idade majoritariamente entre 19 e 25 anos, dos quais apenas 4 estavam fora dessa faixa etária: 29,2% com 19 anos, 18,8% com 20 anos, 20,8% com 21 anos, 10,4% com 22 anos, 8,3% com 23 anos, 2,1% com 24 anos, 2,1% com 25 anos e 8,3% com mais de 25 anos. Do total, 37 alunos se declararam "capixabas". Ainda, seguindo com a caracterização dessa amostra, 62,5% (30 alunos) passaram a maior parte da vida na região central, que compreende Vitória, Afonso Cláudio, Venda Nova do Imigrante e Santa Maria de Jetibá. Esse território constitui a inspiração da narrativa, isto é, o distrito de Rio da Cobra, em Afonso Cláudio. Quanto aos demais, 14,6% provêm do litoral norte, 4,2% da região noroeste e 2,1% do sul do estado. Os demais são oriundos de fora do estado.

Quando questionados se conheciam o interior do estado, definido como espacialidade fora da região metropolitana, 18 afirmaram conhecer bem, 15 afirmaram

conhecer razoavelmente, 8 pouco e 7 nada. Sobre a origem desse saber, destacam-se as menções a viagens (36), família (29) e meios de comunicação (24). Entre as formas instrucionais tradicionais, o ensino básico e médio (14) e a universidade (9) foram pouco mencionados. Para esse grupo, portanto, as representações midiáticas têm papel importante na construção da consciência sobre a realidade do interior.

Ocorreu, majoritariamente, um estranhamento acerca da captação de imagens fora do estado. O viés "construtivista", ou seja, "que propõe uma relação complexa e mediada entre as coisas no mundo, os conceitos em nosso pensamento e a linguagem" (Hall, 2016, p. 65), foi identificado em apenas 5 depoimentos dos 48, todos expostos na tabela 1.

Tabela 1. Depoimentos com viés "construtivista"

	<i>Depoimentos</i>
1	Acredito que <u>existe uma certa licença poética</u> , no filme 'Interestelar', por exemplo, a produção não captou imagens do espaço ou de marte para retratar o lugar. O mesmo acontece com a representação de atores e atrizes, existe uma certa liberdade, como por exemplo o Johnny Depp interpretando um Chapeleiro Maluco ou um excêntrico dono de uma fábrica de chocolate, contudo, existe uma linha tênue, o Depp, um homem branco, ao interpretar uma personagem indígena (O Cavaleiro Solitário) é uma situação problemática. O mesmo acontece com a "interpretação" de cenários, principalmente ao considerarmos que o ES não fica do outro lado do universo e é um espaço plausível de gravações. Principalmente ao considerarmos o viés da difusão econômica e cultural a partir da vinculação do estado na emissora de maior alcance do país. Acredito que nesse caso, o uso de imagens genéricas, seja um problema.
2	Não vejo como algo problemático se tratando de um produto ficcional, até porque a própria definição já diz, <u>é ficção, não é real</u> .
3	Essas imagens <u>apesar de não serem</u> do território do ES, <u>representariam como a pessoa que escolheu</u> as fotos, ou senso comum em geral, enxerga o Espírito Santo. Certamente as imagens estariam carregadas de estereótipos - ressaltados, inclusive, pela mídia hegemônica - acerca do território capixaba.
4	O Brasil é um país enorme e, portanto, isso faz com que nem sempre possamos ter a plena certeza da localidade do lugar que estamos visualizando sem a sua devida especificação. Por isso, esse tipo de situação é bem comum. O Espírito Santo, por sua vez, é um estado pouco conhecido em relação aos demais, o que pode justificar a decisão da emissora de utilizar imagens de um lugar distinto. Por fim, ao analisarmos essa situação podemos concluir que para a emissora, não só as "roças" são todas iguais, como as cidades também. Uma vez que ao utilizar imagens de uma região para representar alguma outra, estão supondo que <u>os cenários são semelhantes de alguma forma</u> .
5	As imagens em si representam o recorte <u>do que pode ser</u> .

Fonte: elaborado pelos autores

O restante dos alunos demonstrou incômodo com a situação, questionando a generalidade, os falseamentos, a essência, o genuíno, o específico, o real, o verídico e o fiel. A tabela 2 expõe alguns dos posicionamentos "miméticos", ou "que propõe

uma relação direta e transparente de imitação ou reflexão entre as palavras (signos) e as coisas” (Hall, 2016, p. 65):

Tabela 2. Depoimentos com viés “mimético”

	Depoimentos
1	Acho que é uma situação problemática, visto que desvaloriza tanto o ES, quanto o lugar real das imagens. Além de também desvalorizar toda a comunidade do lugar, e “vender” uma inverdade.
2	Se for para dizer sobre profissionalismo, estariam errados. Pois nesse contexto, se encaixa a manipulação por meio de algo não real. É possível que seja visto o interior do ES através de imagens de outras cidades, mas passar para a população desta maneira é algo descontextualizado e ilegal. Apesar de encontrar o ES nessas imagens, não representa como realmente é.
3	Analiso como uma atitude desonesta e desrespeitosa. Se as características reais do estado não somam na trama a ponto de serem traduzidas em imagens genuínas significa que não está sendo tratada com o respeito que merece.
4	Completamente irresponsável, pois traz uma visão irreal da realidade, mesmo sendo ficção, deveria ter mais cuidados para execução da obra, a fim de não estereotipar a região.
5	Acredito que essa emissora deveria sofrer uma ação para tirar essas imagens do ar, já que, não são imagens do estado e não representam o mesmo. Por mais que sejam genéricas, as pessoas que moram no estado vão saber que não é daqui e vão indagar porque não colocar imagens daqui, já que é um lugar tão rico em paisagens.

Fonte: elaborado pelos autores

Entre os argumentos citados pelos alunos estão:

- A especificidade é conquistada apenas com gravações locais.
- Há probabilidade de distorções com gravações fora do território aludido.
- Perpetuam-se estereótipos com gravações genéricas.
- Existe falta de conhecimento da população acerca dos territórios exibidos.
- Os locais foram desvalorizados, sejam aqueles “reterritorializados” ou “ignorados”.
- Há a probabilidade de contestação das imagens pelo público local que conhece a região.
- A lógica da produção televisiva exige movimentos como esse.
- Perde-se não só uma oportunidade de dar visibilidade a uma cultura pouco valorizada, como também se acentua o apagamento com as representações.

Os alunos foram indagados acerca de alguns cenários da obra: seriam capazes de representar o território do Espírito Santo? No contexto da pesquisa, não foi informado nada sobre a origem das figuras estudadas. Quando questionados se conheciam as

imagens, 11 responderam afirmativamente, embora apenas 2 tenham identificado corretamente a origem.

A Figura 1 apresenta a casa do clã Ramires, localizada na região Sul: 70,8% acreditam que ela não é capaz de representar o interior do Espírito Santo (34 alunos). Dos 14 restantes, 12 se declararam como espírito-santenses e ratificaram a criação feita em território gaúcho. Desses 12, quando indagados sobre o conhecimento do interior do estado, 5 afirmaram conhecer pouco, 1 declarou não conhecer nada, 2 disseram conhecer razoavelmente e 4 afirmaram conhecer bem.

Figura 1. Casa do clã Ramires



Fonte: A Dona do Pedaço

A segunda imagem discutida decorreu da busca da direção da telenovela por um horizonte linear, fator que determinou a realização das gravações fora do estado, tratando-se de um grande plano geral da mesma localidade. De forma surpreendente, 27 alunos (56,3%) responderam que a imagem seria capaz de representar o interior do estado. A artificialidade e a coloração da primeira imagem, que remetia ao sertão árido, são atenuadas pelo horizonte azul. Todavia, o relevo do estado difere significativamente do representado. Segundo o *Descubra o Espírito Santo*, 60% do território é composto por planaltos e serras, sendo o restante correspondente à baixada litorânea.

Figura 2. Campos de Suspiro



Fonte: A Dona do Pedaço

Figura 3. Enfermaria Militar



Fonte: A Dona do Pedaço

Ruínas da Enfermaria Militar, um prédio do século XIX situado em Jaguarão, Rio Grande do Sul, foi exibido “re-territorializado” na trama como elemento do solo espírito-santense. Ele foi aceito por 35,4% como capaz de representar o estado. Desses dezessete alunos que ratificaram o uso dessa locação, apenas quatro não são capixabas; dois disseram conhecer razoavelmente bem o interior e os outros dois, pouco e nada, respectivamente. Dos treze alunos restantes, quatro declararam conhecer muito bem a região, oito, razoavelmente bem, dois, pouco e um, nada.

Questionados se o interior capixaba possui alguma especificidade a ponto de diferenciá-lo dos demais territórios do mesmo tipo no país, os estudantes mencio-

naram sua povoação de origem diversa, constituída por imigrantes europeus (vinte e três citações), além de povos originários (seis menções) e afrodescendentes (uma menção). Vale pontuar as localidades ditas: indígenas em Aracruz, quilombolas em São Mateus, italianos em Santa Tereza, pomeranos em Santa Maria de Jequitibá e holandeses em Santa Leopoldina. Ademais, inúmeros eventos sazonais (vinte e quatro menções) foram destacados em consequência dessa presença estrangeira. Para os alunos, o interior do estado do Espírito Santo é multiétnico e festivo, ambiente distinto do faroeste capixaba exibido na telenovela: Festa do Morango (Domingos Martins), Festival do Vinho e da Uva (Santa Tereza), Festa do Imigrante e da Polenta (Venda Nova do Imigrante) e Festa de São Pedro (Conceição da Barra). Por fim, a dança do congo e fubica (duas menções) foram lembradas como manifestações culturais, além do Buda de Ibiraçu, a Pedra Azul e o Frade e a Freira como monumentos (uma menção cada).

De algum modo, os posicionamentos dos alunos manifestaram o grau de pertencimento a um estado pouco explorado pela mídia, a frustração diante da oportunidade de superar isso, além da carreira profissional na Comunicação, comprometida com a verossimilhança e o realismo, seja reportando fatos ou publicizando produtos e ideias. Somado a isso, há a estética do "real" nas telenovelas da Rede Globo, proposta a partir do final da década de 1960 (Lopes, 2003).

Considerações Finais

Este estudo demonstrou como a visão "construtivista" (Hall, 2016) dos diretores gerou a "desterritorialização" do estado do Espírito Santo na telenovela *A Dona do Pedaço* (2019). Eles preferiram a aridez, a ausência de sotaque ou de traço regional, o horizonte infinito e a composição como evocação, em vez de investir na visão "mimética" do local. Ademais, observou-se a despersonalização como recurso para minimizar a inspiração original.

Na leitura do sertão imaginado como capixaba a partir da tríade suassuniana, observou-se a predominância de sentidos "infernais" no espaço, cenário momentaneamente transformado em "purgatório" pela relação entre Paz e Amadeu. A religião encontra-se aqui desvirtuada, e as personagens estão todas condicionadas a um ambiente em desequilíbrio. Esse modo de representação negativa do campo pode ser associado aos projetos que nortearam o desenvolvimento do país, os quais submeteram o campo à cidade. Já não faz sentido promover essa concepção desde a década de 1990 e, ainda assim, a telenovela retomou a temática em 2019. O âmbito rural possui novos problemas que mereceriam ser discutidos sob a forma de representações.

A pesquisa foi proposta porque os autores carregavam consigo uma inquietação acerca da polêmica em torno dos cenários sulistas empregados como territórios

capixabas. No decorrer do estudo, percebeu-se que essa estranheza também foi manifestada pelos alunos. Predominantemente, a perspectiva “mimética” (Hall, 2016) sobressaiu. Supõe-se que o senso de pertencimento a um estado pouco representado midiaticamente e o estilo realista atual das tramas tenham provocado tal indignação momentânea. Todavia, assim como ratificaram as representações rurais, aceitando-as em função de sua generalidade, foram encontradas justificativas para a ação da Rede Globo.

Por fim, é importante apontar que as representações midiáticas precisam ser constantemente avaliadas. Elas constituem referências de sentidos e balizam entendimentos, sendo necessário o questionamento sistemático, como se procurou realizar neste estudo.

Referências

- A *Dona do Pedaço* (2019). Autor: Walcyrr Carrasco. Direção Amora Mautner. Brasil. Rede Globo. <https://globoplay.globo.com/a-dona-do-pedaco/t/c7sbwWz7jf/>.
- A Gazeta (2018a). Walcyrr Carrasco e Juliana Paes passaram dois dias no ES: veja detalhes. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/famosos/walcyrr-carrasco-e-juliana-paes-passaram-dois-dias-no-es-veja-detalhes-1118>.
- A Gazeta (2018b). Nova novela de Walcyrr Carrasco pode ser gravada no ES. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/famosos/nova-novela-de-walcyrr-carrasco-pode-ser-gravada-no-es-1118>.
- A Gazeta(2018c). Walcyrr Carrasco: que tal uma novela com as lindas paisagens do ES. *A Gazeta*. <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/2018/11/walcyrr-carrasco—que-tal-uma-novela-com-as-lindas-paisagens-do-es-1014154615.html>.
- A Gazeta (2019a). Juliana Paes será de cidade fictícia do ES em nova novela da Globo. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/juliana-paes-sera-de-cidade-ficticia-do-es-em-nova-novela-da-globo-0519>.
- A Gazeta (2019b). A Dona do Pedaço estreia com trama à la Romeu & Julieta. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/a-dona-do-pedaco-estreia-com-trama-a-la-romeu—julieta-0519>.
- A Gazeta (2019c). Juliana Paes vive capixaba em novela que estreia nesta segunda. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/juliana-paes-vive-capixaba-em-novela-que-estreia-nesta-segunda-0519>.
- A Gazeta (2019d). A Dona do Pedaço estreia na Globo em clima de faroeste trágico. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/a-dona-do-pedaco-estreia-na-globo-em-clima-de-faroeste-tragico-0519>.
- A Gazeta (2019e). Maria da Paz da vida real: quem é a capixaba que inspirou autor da Globo. *A Gazeta*. <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/famosos/maria-da-paz-da-vida-real>.

quem-e-a-capixaba-que-inspirou-autor-da-globo-1119?utm_medium=redacao&utm_source=facebook.

Brasil (1938). *Decreto-lei n 311, de 2 de março de 1938, Dispõe sobre a divisão territorial do país e outras providências*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-311-2-marco-1938-351501-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Brasil (1966). *Código Tributário Nacional*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5172compilado.htm.

Carneiro, M. J. & Sandroni, L. (2019). Tipologias e significados do "rural": uma leitura crítica. In: Leite, S. P., & Bruno, R. *O rural brasileiro na perspectiva do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 43-58.

Carvalho, M. (2019). A Dona do Pedaco estreia em clima de bang-bang, família de pistoleiros e amor proibido. *Extra*. <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/a-dona-do-pedaco-estreia-em-clima-de-bang-bang-familias-de-pistoleiros-amor-proibido-23676175.html>

Cazani Júnior, L.E. (2016). Da veiculação em fluxo contínuo para a disponibilização: o gancho na produção de sentido da telenovela Avenida Brasil. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Unesp. <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/143799>

Cristóvão, F.(1994). A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). *Revista USP*, (20), pp.42-53.

Del Ré, A. (2019). Nova novela das 9 estreia com personagens femininas fortes. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/cultura/sem-intervalo/nova-novela-das-9-a-dona-do-pedaco-estreia-com-personagens-femininas-fortes/>

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.

Descubra o Espírito Santo. Geografia. *Descubra o Espírito Santo*<https://descubraoespiritosanto.es.gov.br/geografia#:~:text=O%20relevo%20do%20Estado%20%C3%A9,cristalinas%2C%20sobretudo%20gnaisses%20e%20granitos>.

Foucault, M. (2002). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora.

Goes, T (2019). A Dona do Pedaco estreia na globo em clima de faroeste trágico. *Folha de São Paulo*. <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2019/05/a-dona-do-pedaco-estreia-na-globo-em-clima-de-faroeste-tragico.shtml>

Graziano da Silva, J. (2002). *O novo rural brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp.

Gshow (2019) Bastidores: confira onde foram gravadas as cenas da novela "A Dona do Pedaco". *Gshow*. <https://redeglobo.globo.com/tvgazetaes/noticia/bastidores-confira-onde-foram-gravadas-as-cenas-da-novela-a-dona-do-pedaco.ghml>

Haesbaert, R (2007). Território e Multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Ano IX, n17, pp.19-46.

Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio: Apicuri.

Lopes, M. I. V., & Orozco, G. G. (2020). *O melodrama em tempos de streaming*. Porto Alegre: Sulina.

- Lopes, M. I. V. (2003). A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*, 25. São Paulo, jan/abr.
- Mais Você (2019). Walcyr Carrasco conta como surgiu a trama de A Dona do Pedaço. *Mais você*. <https://globoplay.globo.com/v/8089798/?s=0s>.
- Moreira R. J.(2019). Identidades rurais, natureza, multiplicidades e subalternias. In: Leite, S. P., & Bruno, R..*O rural brasileiro na perspectiva do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 21-42.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- Oliveira, L. L. (1998). A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*, vol 5. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400011&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Pereira, M. (2019). Adeus ao faroeste em A Dona do Pedaço. Veja 5 bafos da próxima fase da telenovela. *Notícias da TV*. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/de-adeus-ao-faroeste-em-dona-do-pedaco-veja-5-bafos-da-proxima-fase-da-novela-27002>.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.
- Reis, J. P. (2019). Saiba onde foram feitas as gravações dos primeiros capítulos de A Dona do Pedaço. *Observatório da TV*.: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/saiba-onde-foram-feitas-as-gravacoes-dos-primeiros-capitulos-de-a-dona-do-pedaco>
- Suassuna, A. (1972). *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue vai-e-volta*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Xavier, N. (2019a). Estreia de "A Dona do Pedaço" apela para os valores familiares e armas. *Universo Online*. <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2019/05/20/estreia-de-a-dona-do-pedaco-apela-para-os-valores-familiares-e-as-armas>
- Xavier, N. (2019b). A Dona do Pedaço se passa no Espírito Santo, mas não tem quase nada do estado. *Universo Online*. <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2019/05/23/a-dona-do-pedaco-se-passa-no-espírito-santo-mas-tem-quase-nada-do-estado/>
- Wanderley, M. N. B., & Favareto, A (2013). A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias e a elaboração de políticas públicas. In: Silva, C. M. H. *Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras* – Brasília: IICA.
- Wiktionary (2024). Repraesento. <https://en.wiktionary.org/wiki/repraesento#Latin>, Acesso 11/12/2023.